



Fala aí!

Texto apresentado para conclusão da matéria: Tópicos Especiais em Psicologia Escolar I, ministrada pela Prof^ª. Dr^ª. Lilian Rose Margotto.

O que *O Retrato de Dorian Gray* e *A Metamorfose* têm a dizer sobre o corpo.

Izabella Oliveira Perim (10^º Período)

Você é seu corpo? O quanto de sua história é gravado e mostrado em seus traços e formas? Que padrões seguir? Até que ponto o ser humano é limitado ou mesmo determinado pela sua aparência?

Para tentar responder a essas perguntas, é preciso situar-se: em qual momento histórico vivemos e de qual momento queremos responder. De qualquer forma, o objetivo aqui não é esgotar as questões, mas sim ampliá-las.

Dorian Gray era um jovem extremamente belo e fútil. Viviu em uma sociedade onde beleza e jovialidade eram extremamente valorizados e os mais velhos eram vistos como seres “desgastados” pelo tempo, vivendo o presente presos às nostalgias de outrora. Em meio a esse contexto, o artista Basílio retrata Dorian em um quadro que seria considerado sua melhor obra de arte, capaz de despertar inveja aos olhares com suas formas tão valorizadas, sua jovialidade e pureza adolescente. Entretanto, o quadro que inicialmente o exaltava, também fora capaz de o aprisionar. Anos se passaram, Dorian Gray deixou de ser um adolescente, mas sua imagem permanecia intacta, continuava com o frescor e beleza, como se o tempo e a vida não fossem capazes de alterar-lhe as formas. Todos os seus atos, escolhas e conseqüências, não acarretavam qualquer mudança em seu físico, mas sim no retrato. O corpo permanecia como algo capaz de “contar” um pouco de sua história, não o corpo físico, mas sim seu fiel retrato. A cada ato, seu retrato ganhava um traço de expressão, uma marca, um registro de sua história. Por fim, após atos de perversidade, desrespeito e irresponsabilidade, o retrato tornara-se irreconhecível. A bela imagem de antes se foi esvaindo: no quadro havia um homem velho, de traços amargos e expressão carregada, o registro de um ser humano incapaz de respeitar o próximo, envelhecido como se o passar dos anos nele agisse todo o tempo.

Cabe aqui uma pausa.

Como é difícil pensar em um corpo atemporal. Nossa trajetória de vida, nosso crescimento e envelhecimento são registrados em nossos corpos. Trazemos conosco marcas de nossas escolhas e modos de viver. As alegrias, as dores e decepções nos formam e modelam aparências. Dorian Gray é atemporal, o passar dos anos não lhe causa modificação alguma. Seus pensamentos permanecem rasos, suas emoções são superficiais, sua forma de se relacionar não se altera, sempre agindo como um homem que por ser belo tudo lhe era permitido e aceito. Sendo assim, sua condição humana foi desfeita, sua incapacidade de registrar no corpo suas vivências tornou-lhe algo inclassificável. Não se trata de defender a idéia de que o envelhecimento nos faz melhores, mas sim de que não somos inatingíveis e nossas escolhas e formas de vida dizem muito do que somos e pensamos. Por fim, diante do horror que o retrato lhe causara, o registro de um passado que o aprisionava, a evidência de seus atos ilegais, ele tenta pôr fim à obra. Seu corpo fora encontrado no chão, reconhecido apenas pelos anéis que usava, diante do retrato que voltara a ser belo.

Dorian assumiu sua existência, seus passado, sua finitude. O retrato deixou de ser o portador de sua história, seu corpo assumira o papel. O tempo o alcançou, seus atos causaram conseqüências, a faca enfiada no retrato o atravessou. Em sua

morte, toda a sua vida fora aceita e registrada na pele.

Em *A Metamorfose* encontramos também grande valor dado à aparência. Gregor é um jovem caixairo viajante que de forma inexplicável amanhece na forma de um enorme inseto. A partir daí toda a sua vida é transformada. Suas tentativas de comunicação são frustrantes, seus atos incompreendidos e as conseqüências são terríveis. Machucado, debilitado, incompreendido e solitário, entregue apenas aos seus pensamentos, Gregor vê sua existência sendo apagada da história da família. Ele ainda estava ali, sua consciência não o abandonara, estava aprisionado em um corpo irreconhecível. Suas histórias, sentimentos e vontades permaneciam presentes, porém sua comunicação era falha. Por um curto tempo, sua irmã ainda tentou estabelecer alguma forma de comunicação, mas a falta de retorno esperado fez com que ela desistisse e aceitasse como prontamente fez seus pais, o fato de Gregor não se encontrar mais ali.

A história é fantástica, um homem se torna inseto de uma hora para outra, mas podemos fazer analogias interessantes. Voltando à questão da importância das aparências: a forma de um inseto impossibilitou o personagem de buscar outras formas de existência. Sua aparência o limitava e determinava, suas possibilidades de estar no mundo e se relacionar com o próximo se esgotaram, ele era o que aparentava e por isso condenado ao esquecimento. Assim como Dorian Gray foi supervalorizado por possuir o que era visto como desejável, Gregor não teve sequer a chance de mostrar o que lhe acontecia devido ao pré julgamento que sofrera. Em ambos os casos, os personagens foram aprisionados pela aparência que possuíam. Dorian era sempre o homem belo, impecável, aprisionado em uma sociedade que lhe exigia determinadas formas de agir e pensar. Gregor teve sua vida anulada pela perda da condição humana. Os dois acabaram por desistir da vida: Dorian quis negar seus atos, eliminando o retrato que servia como registro e negando sua existência, encontrou a morte. Gregor, após incontáveis tentativas, viu-se derrotado e incapaz de dar continuidade à vida da forma que se encontrava.

A supervalorização da aparência não é um fenômeno recente, podendo ser percebido em incontáveis registros das mais variadas épocas. A vaidade, a tentativa de mudar o corpo, a forma de se portar, se modelar, ganha notoriedade com o passar dos séculos de acordo com as exigências datadas. Dorian Gray nasceu com qualidades desejáveis, sendo modelo a ser seguido, já Gregor foi excluído por destoar de qualquer aparência tolerável em seu meio.

Pensando a atualidade, não é preciso parecer um grande inseto para perceber mecanismos de exclusão aos que não preenchem as exigências do belo. Se eliminarmos a figura de um inseto e imaginarmos uma pessoa com necessidades especiais, observamos suas tentativas de comunicação não recebida, o “pré conceito” sem busca de diferentes alternativas. Uma vida negada e estigmatizada pela forma que o corpo se apresenta. Da mesma forma, quem alcança, ou melhor, busca alcançar (uma vez que o desejo não se esgota e os padrões sofrem mudanças) também se aprisiona em uma forma. Limita-se ao que pode de alguma maneira atribuir-lhe qualidades eleitas. A busca da forma ideal passa a não ter limites e o corpo se torna o “cartão de visitas”, um troféu de quem o “possui”. Vendo dessa forma, torna-se mercadoria desejada e comprada, algo que o indivíduo não possuía como queria e conquistou.

Quem não acompanha esse ritmo enlouquecedor, muitas vezes encontra-se às margens, como “telespectador”

(continua na próxima página)

dos espetáculos. A esses cabem diferentes alternativas, variando de acordo com a forma como encaram esses processos. Alguns buscam enquadrar-se a duras penas ao que é incentivado como ideal a se buscar, outros resistem e criam diferentes formas de agir e pensar o mundo, relacionando-se através de outras camadas, que não só a superficialidade da forma. Há também os que se entregam e desistem da vida, negando o corpo e sua história, por esse possuir peculiaridades que o fazem singular.

Cabe aqui questionar os ganhos dessa forma massificante. O ser humano dotado de inúmeras peculiaridades passa a buscar uma forma padronizada, um modelo idealizado que os tornem “únicos” mesmo que indiferenciados. Os padrões de beleza, de comportamento, ditam regras rígidas a seres humanos extremamente diversificados, versáteis e mutantes. Uma limitação da forma que repercute nas maneiras de ser, estar e se relacionar no mundo. Nosso corpo não determina nossa história, mas traz registros do que criamos, buscamos e vivemos. Negá-lo e torná-lo atemporal significa desvalidar uma existência. Tal busca faz com que a vida se esvazie, cabendo apenas o belo, o estético como ideal. Assim, perdemos a multiplicidade, a riqueza da diversidade, buscando uma história impecável, sem lapsos, arranhões ou falhas, uma vida Apolínea preenchida pelas aparências ideais.

A consciência de que os padrões são criados, impostos e modificados, que são mutantes e variáveis, nos permite desnaturalizar e questionar muitas imposições. Ser gordo ou magro, baixo ou alto não é uma qualidade ou defeito por si só. Precisamos relativizar onde estamos, com quem estamos e de quem falamos. As personagens aqui citadas não conseguiram criar outras formas de vida capazes de questionar e mesmo mudar como eram vistas e o que se esperava delas. Aprisionaram-se ao que era imposto, enrijeceram-se e por conseqüência não conseguiram se adaptar ao novo.

Cartas



CARTA ABERTA AOS PARTICIPANTES DO XVIII ENEP

Após nossa participação no XVIII ENEP, estamos tendo, nós alunos da Universidade Federal do Espírito Santo, a oportunidade de colocar em análise as propostas, a estruturação e a organização do Movimento Estudantil de Psicologia.

Sabemos que a pauta do evento se baseia nas questões atuais e pertinentes aos estudantes de Psicologia suscitadas pelo CONEP, entretanto, tendo os pré-ENEP's a função de deixar os estudantes a par do que é discutido em tal Conselho, percebemos que a forma como esses vêm sendo realizados não têm sido suficientes para que possamos construir propostas que contemplem de maneira satisfatória as dificuldades encontradas nos cursos de Psicologia do Brasil.

Nesse sentido, os dias passados em Aracaju nos atentou para o fato de que o ENEP – encontro que visa à reunião das idéias já discutidas nos pré-ENEP's – se apresentou como um espaço anti-dialógico na medida em que se privilegia um modelo deliberativo a qualquer custo, mesmo diante da constatação de que não houve tempo hábil que abarcasse as discussões das propostas e a produção de novas.

Não pretendemos com isso realizar simplesmente uma crítica de “não-organizadores” direcionada aos “organizadores”, visto entendermos que esse evento é feito por e para nós estudantes, que tivemos acesso à elaboração do projeto do evento e que sabemos das dificuldades que um Encontro desse porte oferece para a sua organização, no entanto, o que colocamos em análise é

Caligrafia

SONETO DO AMOR IMPOSSÍVEL

“Jamais terei a audácia de imprimir
em vós um beijo,
ó lábios em que pairam
os espíritos do céu”
(Goethe)

Te suplico, não esqueça de viver
E ver, com olhos ternos, resistindo
Ao amor que não irá parecer
Do meu entendimento, esvairindo

Canto a ti, me esqueço de não saber
Se devo, um dia, te olhar sorrindo
Sincero, incerto, pode haver?
Nosso sol, em seu rosto, refletindo.

Quero te ver, não só lágrimas, vento,
Um momento, a verdade despida
Volúpia, a loucura sobrevivendo.

Canção de uma banda já esquecida
Sublime recordação que me lembro
De você, minh'eterna prometida.

Gerorge Ramos (8^º Período)

essa engrenagem de produção incessante de propostas sem qualquer tipo de discussão.

Justamente por isso, parece-nos importante apontar algumas questões:

- 1) Para que o ENEP se mantenha enquanto espaço de encontros e potencialização do movimento estudantil, deve-se garantir em seu cronograma um espaço maior para a discussão dos pontos a serem deliberados, quando for o caso;
- 2) Para a viabilidade das discussões, faz-se necessário que o ENEP não se caracterize como um espaço **fundamentalmente deliberativo**;
- 3) Pensar o funcionamento do CONEP como promotor da dinâmica e da armadilha de capilarização dos debates entre os estudantes e suas respectivas entidades representativas dos cursos de Psicologia de todo o Brasil.

Por último, não pretendemos de maneira alguma cair na armadilha de culpabilização do outro. Além disso, não pretendemos separar “sabedores” de “não-sabedores”, “participantes” de “alienados”. Estamos sim colocando em análise as práticas de construção conjunta para pensar a construção de espaços que de fato possibilitem discussões e decisões coletivas.

Estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo participantes do XVIII Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia.

Aracaju / SE, 22 de novembro de 2003.



Programa de Extensão:
Trabalhando junto aos Conselhos
Tutelares de Cariacica

Luciana Pena Vila Lima (5º período)

Os conselhos tutelares são órgãos não-jurisdicionais, permanentes e autônomos aos quais cabe fiscalizar os cumprimentos dos direitos da criança e do adolescente, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

O presente programa tem como objetivo a intervenção, análise e produção de inquietações quanto às instituições: família, infância, escola, criança carente e delinqüência, juntamente aos conselhos tutelares em Cariacica.

Nesse sentido, potencializamos um espaço de fala para conselheiros, crianças, adolescentes e suas famílias. Espaço esse, dentro de Cariacica, onde a produção de uma grande massa de excluídos da cidadania é reforçada a todo instante.

Utilizamos como ferramentas para o nosso trabalho: atendimentos individuais, tanto às crianças e adolescentes, quanto aos seus familiares, além de intervir junto aos próprios conselheiros.

O programa é formado por 16 extensionistas, todos alunos do curso de psicologia da Ufes, sendo que cada Conselho (Porto Novo, Cariacica Sede, Campo Grande e Castelo Branco) conta com a atuação de 4 alunos.

Para saber mais sobre o programa acesse:
www.querconselho.kit.net

Lendo e Assistindo

Jornal PET pergunta:
O que você está lendo?

No momento estou relendo "O Capital" de Marx. Livro sempre atual, cheio de energia e que traz ferramentas poderosas, em especial, para o trabalhador do campo da subjetividade nesse contemporâneo. Leiam, ele aumenta as "forças do corpo".

Profª Sonia Pinto de Oliveira do Depto de Psicologia (DPSI)
Título: O Capital
Autor: Karl Marx
Editora: Civilização Brasileira, 2002

O que você está vendo?

A história de "As Virgens Suicidas" se passa na década de 70, no contexto da sociedade americana. O filme baseia-se no romance de Jeffrey Eugenides, que tece uma crítica à alienação e hipocrisia da sociedade em questão. No entanto, a adaptação feita por Sophia Coppola, enfoca, não somente a história das cinco irmãs que se suicidaram, mas sim, o impacto que esses suicídios, e a própria vida dessas garotas, causaram aos que sobreviveram a elas e não conseguiram superar essas catástrofes, transformando-as em mitos. "As Virgens Suicidas" é um filme que recomendo por sua abordagem poética e, ao mesmo tempo ácida, de tão característicos acontecimentos, que, apesar de se passarem nos anos 70, permanecem atemporais, podendo ser transpostos e refletidos em nossa sociedade atual.

Danielle Strelow Hilger (3º Período)

Título: As Virgens Suicidas (do original The Virgin Suicides)
Gênero: Drama
Tempo de Duração: 97 minutos
Distribuição: Paramount Pictures
Roteiro e Direção: Sofia Coppola.

Número 26

Jornal PET

Março de 2004

Jornal do Curso de Psicologia - UFES

Boletim informativo do Grupo PET Psicologia - UFES, publicação mensal

↓ ESTUDANTES EM MOVIMENTO

Roberta Zacché Iglesias (5º período) / Graziella Almeida Lorentv (6º período)

O XVIII Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia (ENEP) foi realizado no período de 17 a 22 de novembro em Aracaju (SE), com aproximadamente 1500 estudantes de psicologia de todo o País. Embora o Encontro tenha ocorrido nesse período, na UFES a mobilização em torno dele começou bem antes: rifas, reuniões, pedágios, busca de patrocínio e auxílios de alguns professores foram estratégias utilizadas por um grupo bem amplo e heterogêneo em torno de um propósito comum. Alunos de diversos períodos do curso de Psicologia uniram-se e decidiram que a maneira de agir deveria ser coletiva: todas as tarefas decididas em reunião seriam executadas por todos, assim como o dinheiro arrecadado seria aplicado para custear a viagem de todo o grupo. Mais de 70 estudantes da UFES participaram do encontro, cuja programação envolvia oficinas, mini-cursos, mesas redondas e grupos de trabalho (GT's).

Um dos principais propósitos deste evento é promover o encontro, como o próprio nome o diz, entre os alunos dos diversos cursos de Psicologia do Brasil. É exatamente por isso, que os Grupos de Trabalho (momento de troca de idéias) e a Plenária Final (quando ocorreu a votação das propostas) foram dois momentos fundamentais. Os estudantes da UFES, decidiram, em reunião informal, que participariam de todos os GTs. Para isso, foi decidido que os alunos da UFES se subdividiriam, de acordo com o seu interesse, nos diversos grupos, para que fosse possível transmitir as informações e as discussões geradas nos GTs.

Os GTs eram espaços para debates de diversos temas como, por exemplo, movimentos sociais, saúde pública e formação profissional, cujas propostas, uma vez elaboradas, eram levadas para a Plenária Final, onde seriam votadas pelo conjunto dos estudantes. Cada GT, dedicado a um determinado tema, reunia alunos de diversas instituições que o escolhiam em função do interesse pelo assunto que seria discutido. Entretanto, o modo como as discussões nos GTs foram conduzidas não correspondeu às expectativas de muitos estudantes da UFES que participaram pois, certas questões eram tratadas apressadamente, sendo colocadas e defendidas com excessiva ênfase por certos participantes, sem uma preocupação em ouvir posições diferentes.

Na Reunião das Instituições de Ensino (IEs), que ocorreu na noite do dia 21/11, os participantes de cada Instituição procediam a uma leitura das propostas levantadas nos GTs, e nesse momento poderiam sugerir novas propostas à Comissão de Sistematização. Esta, é um grupo encarregado de reunir todas as propostas e leva-las à Plenária Final. Os estudantes da UFES se reuniram para tomar conhecimento e se posicionar coletivamente na Plenária Final, se abstendo de votar todas as propostas e resolveram elaborar uma carta aberta com as razões. Essa decisão foi motivada pela discordância sobre o modo como as discussões nos GTs foram encaminhadas e também foi uma atitude no sentido de manifestar o desagrado em relação ao próprio funcionamento do Encontro. Pois, as discussões, trocas de idéias e experiências entre os estudantes de diversas instituições brasileiras, ocorreram, em grande parte em espaços informais (bares, praias, corredores da Universidade e restaurante universitário) e não nos espaços e momentos previstos no evento.

Prevista inicialmente para funcionar em dois turnos (manhã e tarde), a Plenária Final só aconteceu na tarde do último dia do encontro. Foi nesse momento que a platéia sentiu o peso das abstenções dos alunos da UFES. Primeiro, sob a forma de olhares de perplexidade, depois, risos e por fim, pela indagação de alguns estudantes de outras instituições, sobre o motivo daquela atitude. A carta aberta elaborada não pode ser lida no momento em que foi solicitada permissão para isso. A sugestão da mesa foi no sentido de que fosse feita uma leitura no final da Plenária. Entretanto, os alunos da UFES presentes não concordaram com esse encaminhamento porque não permitia explicar no momento oportuno, o que motivava as abstenções e decidiram distribuir cópias do texto para explicar aos demais participantes. Depois disso, durante um curto intervalo na Plenária, os estudantes da UFES chamaram os demais para esclarecer o conteúdo da carta. Criou-se, então, um espaço de discussão com vários participantes, promovendo debates abertos até então não proporcionados pelo ENEP. O próximo ENEP, em 2004, será no Espírito Santo e pretende-se privilegiar os espaços de discussão.

Assim, como votar em algo sem ter um conhecimento das inúmeras idéias que se formam em torno dela? Se um dos propósitos do ENEP é exatamente promover o encontro e a troca de experiências entre os estudantes de psicologia, o que fazíamos ali? Estávamos apenas interessados na participação da programação Cultural? Comprar lembranças regionais no Mercado Municipal? Fazer turismo nas praias de Aracaju? Se fosse apenas para isso, a carta produzida no ENEP pelos estudantes de psicologia da UFES não existiria agora e nem nos preocuparíamos em dar continuidade a um certo movimento estudantil disparado na plenária desse ENEP. E o ato médico? Alguém se importa!!! Vou ficar aqui "sentadinha" ouvindo o palestrante como um banco de informações, apenas um receptor?

Ser psicólogo não é só isso! Vamos participar da Reforma Curricular, nos mobilizar para que o nosso curso de graduação possa sofrer melhorias, as quais afinal a maioria questiona. No lugar de queixas vamos produzir coletivamente propostas que favoreçam, não somente minha formação profissional, mas de toda a graduação. Para isso é preciso produzir encontros frequentes e cotidianamente. Pra que o próximo ENEP em 2004, que será sediado no Espírito Santo possa promover a ampliação.

Jornal PET

O Jornal PET é o Jornal do Curso de Psicologia e o boletim informativo do Grupo PET Psicologia - UFES e é uma publicação mensal. Os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores.

Expediente: Alexandra Iglesias, Carolina Duarte Gava, Cássio Bravin Setubal, Danielle Strelow Hilger, Gabriela Vieira Luppi, Izabella Oliveira Perim, Liana Gama do Vale, Roberta Rodrigues Vieira, Roberta Zacché Iglesias, Rodrigo dos Santos Scarabelli.

Organização: Grupo PET Psicologia - UFES

Contato: tel. 3335 2721 / petpsicoufes@hotmail.com

Patrocínio: Centro de Ciências Humanas e Naturais

Impressão: Gráfica da UFES

